



Ilustração 1: Wataru Takagi e Tony Hale – *Batman Ninja* (2018)

O palhaço de mil faces

Marcelo Bolshaw Gomes

Resumo: O presente texto descreve as diferentes versões do personagem Coringa, da DC Comics, nas histórias em quadrinhos, na TV, no cinema, principalmente no filme *Joker* (PHILLIPS, 2019) – como archi-inimigo do Batman. A metodologia é a análise simbólica e mitológica, ressaltando as diferenças que o personagem introduz no arquétipo do Trickster (ou trapaceiro). O artigo conclui que o personagem do Coringa no filme *Joker* altera o arquétipo do Trickster, acentuando algumas características em

Marcelo Bolshaw Gomes. Professor do Programa de Pós-Graduação de Estudos da Mídia da UFRN.

detrimento de outras e representando uma catarse do inconsciente dominante recalcado, visível na vida política atual em personagens de palhaços assassinos defensores de valores conservadores.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos¹; Cinema²; Filosofia³; Simbolismo⁴.

The thousand face's clown

Abstract: This text describes the different versions of the character Joker, from DC Comics, in the comics, on TV, in the cinema, mainly in the movie *Joker* (PHILLIPS, 2019) - as Batman's archenemy. The methodology is symbolic and mythological analysis, highlighting the differences that a character introduces in the Trickster (or cheater) archetype. The article concludes that the character of the Joker in the film *Joker* changes the Trickster archetype, accentuating some characteristics to the detriment of others and representing a catharsis of the repressed dominant unconscious, visible in current political life in characters of murderous clowns who defend conservative values.

Keywords: Comics¹; Cinema²; Philosophy³; Symbolism⁴.

1. Introdução

O filme *Joker* (PHILLIPS, 2019) foi um dos grandes marcos de 2019 no cinema. Além de ser um sucesso de bilheteria, a crítica considerou que ele elevou os filmes de super-heróis à categoria de arte. Outros consideraram que o filme incita a atos violentos contra as instituições, que o filme é uma celebração da irracionalidade das massas, do retorno da extrema-direita ao poder com a ascensão de Trump nos EUA, de Bolsonaro no Brasil – que encarnam as mesmas características simbólicas dos palhaços assassinos.

Com onze indicações para o Oscar, *Joker* conquistou duas estatuetas: Melhor Trilha Sonora (Hildur Guðnadóttir) e Melhor Ator (Joaquin Phoenix)—além de uma longa lista de outras premiações internacionais. Foi o segundo Oscar do personagem. O primeiro foi o Coringa interpretado por Heath Ledger que ganhou o prêmio como Melhor Ator Coadjuvante no filme *Batman: O Cavaleiro das Trevas*, em 2008. E nunca antes, artistas diferentes foram premiados pelo mesmo personagem.

Arthur Fleck (Phoenix) é um comediante frustrado, cujo único recurso tragicômico é uma estranha gargalhada nervosa involuntária, sempre nos momentos menos apropriados. Ele passa seus dias fazendo bicos como palhaço infantil, trabalhando em um set de stand-up e cuidando de sua mãe, Penny (Frances Conroy).

A loucura de Fleck cresce simultaneamente ao caos de Gotham e ele torna-se o Coringa que conhecemos: um criminoso sem motivos racionais. E, de quebra, cria-se um futuro herói no pequeno Bruce Wayne, que viu seus pais assassinados no meio da violência comandada pelo palhaço. Fleck é internado em Arkham, deixando portas abertas para futuras histórias. Em um primeiro nível, o filme *Joker* deseja fazer uma ‘narrativa das origens’ do arqui-inimigo do Batman, desconsiderando outras histórias que contam que ele caiu em um tonel de produtos químicos.

Mas, o diretor e roteirista Todd Phillips é um admirador do cinema de Martin Scorsese e de seus filmes que misturam realidade e ficção de modo indistinguível. E, ao longo do filme, o observador atento vai perceber várias dicas de que a narrativa em primeira pessoa do protagonista pode ser toda imaginária, que toda narrativa pode ser apenas um longo delírio de paciente psiquiátrico internado em um hospício.

Seja real ou imaginária, a narrativa deseja explicar psicologicamente como Artur Fleck se transformou no arqui-inimigo do Batman. O criminoso crê que é filho bastardo de Thomas Wayne e meio irmão de Bruce (Batman no futuro). Daí sua futura relação de amor e ódio com o homem-morcego.

A narrativa é um *prequela* (termo dado às histórias recentes que são anteriores na linha de tempo ficcional) intertextual com universo DC. No tempo narrativo, a narrativa sobre a origem do Coringa (sobre a origem do caos) é anterior à história da origem do homem-morcego, representante da lei e da ordem. Embora, no tempo real, a narrativa da entropia tenha sido elaborada depois das histórias do Batman.

2. Origem nos quadrinhos

A primeira aparição do Coringa foi em abril de 1940 na revista *Batman #1* (RAMONDELLI, 2020, 00:02:41) como um gangster extravagante e colorido, um assassino frio e sem remorsos. Nessa época, Batman também era violento. Mas, devido a vários fatores, o homem-morcego foi se infantilizando e suas histórias se aproximando das narrativas de ficção científica. O Coringa não era originalmente o arqui-inimigo de Batman. Ele era apenas mais um entre os muitos vilões bizarros do homem-morcego.

Em 1973, Denny O’Neil (roteirista) e Neal Adams (desenhista) reintroduziram Batman no mundo real, colocando o Coringa como seu principal antagonista em *A vingança do Coringa*, em *Batman #251* (RAMONDELLI, 2020, 00:08:30).

A partir de meados dos anos 80, três narrativas colocam o palhaço do crime em primeiro plano, como o antagonista central de sua história e não apenas de suas estórias: *Batman: O Cavaleiro*

das Trevas (1986) de Frank Miller; *A piada mortal* (1988), texto de Alan Moore e desenhos de Brian Bolland; e *Arkham Asylum* (1990) roteiro de Grant Morrison, arte de Dave McKean.

Miller e Moore fazem de Batman uma representação heroica de nossa sombra psíquica, de nosso lado mais obscuro. Daí vem, inclusive, o nome ‘Cavaleiro das Trevas’. O Coringa é o arqui-inimigo (o antagonista arquetípico) do Batman, representando a loucura e o caos, enquanto o homem-morcego representa a lei e a ordem, a racionalidade. O Coringa de Moore é mais nihilista; o de Miller mais imprevisível; mas, em ambos ele não é movido pelo dinheiro ou pelo poder, mas apenas pelo desejo de estabelecer o caos através da violência.

Morrison, por sua vez, em *Arkham Asylum*, consolida o palhaço nessa posição de inimigo principal e até de líder de outros vilões. Nos jogos, para chegar ao Coringa, Batman (e o jogador) precisa vencê-los em suas vulnerabilidades.

O resultado dessas narrativas é a construção de um personagem criminoso sem propósito, um psicopata. “Um inimigo sem regras. Um inimigo que não quer nada, que não pode ser compreendido, somente combatido” (NOLAN, 2008, 00:20:04).

Ele não apenas transgride as regras, como faz com que os outros transgridam suas próprias regras, esse é seu objetivo, essa sua motivação. O filme *The Dark Knight* mostra bem como o cinema assimilou essas características do personagem nos quadrinhos, quando o palhaço assassino enlouquece o promotor Harvey Dent, transformando-o no vilão Duas Caras.

Eu tenho mesmo cara de quem faz planos? Sabe o que eu sou? Sou um cão atrás de carros. Não saberia o que fazer se pegasse algum. Entende? Eu só faço as coisas (NOLAN, 2008, 01:48:14).

(...) A máfia faz planos. Os tiras fazem planos. Gordon faz planos.

Eles são cheios de planos, sabe? Fazem planos para controlar o mundinho deles. Eu não faço planos. Tento mostrar a quem faz planos... como realmente são ridículas as tentativas deles de controlar tudo (Idem, 01:48:47).

(...) Foram os planejadores que botaram você onde está. Você era um planejador, tinha planos... e veja aonde veio parar. Simplesmente fiz o que eu faço melhor. Peguei seu planinho e o virei contra ele mesmo. Veja o que fiz nesta cidade com uns barris de gasolina e umas balas. Sabe o que eu notei? Ninguém se apavora quando tudo corre de acordo com o plano. Mesmo que o plano seja horripilante. Se amanhã eu disser à imprensa que um arruaceiro vai levar tiro... ou um caminhão com soldados vai explodir... ninguém entra em pânico... porque tudo faz parte do plano. Mas quando eu digo que um prefeitinho qualquer vai morrer... aí todo o mundo perde a cabeça. Se você introduz um pouco de anarquia... perturba a ordem vigente... tudo se torna um caos. Eu sou um agente do caos. E sabe qual a chave para o caos? É o medo (Idem, 01:50:46).

3. As várias versões audiovisuais

No cinema e na televisão, várias versões audiovisuais do Coringa exploraram diferentes aspectos do personagem.

Na telessérie *Batman e Robin* (MARTINSON, 1966), o ator Cesar Romero fez um coringa voltado para as crianças, uma ‘fanfarra’ circense, logo assimilada pela estética psicodélica e exagerada da contracultura.

Outra contribuição criativa relevante para popularização do personagem foi a versão gótica do Coringa elaborada a quatro mãos pelo ator Jack Nicholson e pelo diretor Tim Burton em *Batman* (1989).



Ilustrações 2 e 3: Cesar Romero - *Batman e Robin* (1966-1968) e Jack Nicholson - *Batman* (1989)

Tanto Romero quanto Nicholson fazem interpretações burlescas divertidas, enfatizando mais o lado expressivo do personagem do que seu temperamento violento e agressivo.

A adaptação do *Cavaleiro das Trevas* (NOLAN, 2005; 2008; 2012) dos quadrinhos para o cinema levou a estética da hiper-realista de Miller e Moore das revistas para as telas. Heath Ledger fez um Coringa violento e cruel, aumentando ainda mais a polaridade simétrica entre Coringa e Batman dos para o grande público. *Batman: O cavaleiro das trevas* (NOLAN, 2008), o segundo filme da trilogia, tem diálogos memoráveis entre os personagens, em que eles percebem que são opostos que se atraem.



Ilustração 4: Heath Ledger – *O Cavaleiro das Trevas* (2008)

Eu não quero matar você. O que eu iria fazer sem você? Voltar a roubar mafiosos? Não, não. *Você me completa* (NOLAN, 2008, 01:28:01).

(...) Isto que acontece quando uma força que não pode ser detida... encontra um objeto que não pode ser movido. Você é realmente incorruptível, não é? Você não vai me matar... por um senso de falso moralismo inapropriado... e eu não vou matar você... porque você é muito divertido. Acho que você e eu estamos destinados a fazer isto para sempre (NOLAN, 02:14:05).

O comediante, de viés sexista, Zach Galifianakis, em *Batman Lego: o filme* (MCKAY, 2017) tem uma interpretação curiosa da frase “Você me completa”. Ele deixa a entender que o palhaço do crime acabou com Arlequina porque está apaixonado pelo homem-morcego (RAMONDELLI, 2020, 00:25:45). Gozações a parte, após *O Cavaleiro das Trevas*, o palhaço do crime passou a desfrutar de uma popularidade equivalente a do Batman, gerando jogos e narrativas próprias em quadrinhos e em desenhos animados.

Outra contribuição importante foi a de Mark Hamill, em *The Animated Series* (1992–1995), que deu ao personagem uma gargalhada característica, adotada pelas principais interpretações posteriores.



Ilustrações 5 e 6: Zach Galifianakis - *LEGO* (2017)
e Mark Hamill - *The Animated Series* (1992-1995)

Aliás, além dos atores e diretores citados no texto, é preciso destacar também as contribuições interpretativas de: Ted Knight (ator) e de Bruce Timm (produtor) na série de animação *The Adventures of Batman* (1968–1969); Kevin Michael Richardson (ator) e de Paul Dini (produtor) na série animada *The Batman* (2004–2008); do ator Cameron Monaghan na telessérie *Gotham* (2014–2019); Brent Spiner (ator) na série animada para TV *Young Justice* (2010–2013 e 2019); Jared Leto (ator) em *Esquadrão Suicida* (2016); e Wataru Takagi (ator) e Tony Hale (diretor) na animação de longa metragem *Batman Ninja* (2018).

Ilustrações 7 e 8: Brent Spiner - *Young Justice* (2010-2013 e 2019)
e Ted Knight - *The Adventures of Batman* (1968-1969)



Ilustrações 9 e 10: Kevin Michael Richardson - *The Batman* (2004-2008)
e Jett Bennett - *The Brave and the Bold* (2008-2011)

“O Coringa, para mim, é como Hamlet. O Coringa é uma dessas raras oportunidades que temos de dar vida, reinterpretar um personagem que se impõe contra o que é bom no mundo”. Jared Leto, intérprete do Coringa no *Esquadrão Suicida* (RAMONDELLI, 2020, 00:24:49).



Ilustração 11: Jared Leto – *Esquadrão Suicida* (2016)

Ao contrário de todas as versões anteriores do personagem nos quadrinhos, nos desenhos animados e no cinema; no filme *Joker* (PHILIPS, 2019), Batman é apenas um possível antagonista, uma consequência futura do Coringa; o vigilante justiceiro é resultado do caos e da anarquia social protagonizado pela irracionalidade do palhaço do crime.

Houve uma inversão simbólica de fundo nas relações de ação e reação narrativas. Após *Joker*, Batman precisa do Coringa para existir, assim com a luz depende da escuridão⁴.

4. Esse processo de inversão e autonomia narrativa do personagem se replicou no final de seu relacionamento com a Arlequina (a psiquiatra forense Harleen Frances Quinzel, que se apaixona pelo criminoso e se torna uma vilã). Porém, cansada de uma relação tóxica, Arlequina se separa do Coringa, passando a desempenhar o mesmo papel de palhaço-transgressor de forma jovem e feminina.



Ilustração 12: Joaquim Phoenix – *Joker* (2019)

4. Análise simbólica e mitológica

O Coringa é uma carta do baralho que pode substituir todas as outras em vários jogos. A palavra ‘curinga’ passou a ser utilizada como adjetivo para um elemento múltiplo que pode substituir outros especializados, como um jogador que joga em várias posições. A carta não faz parte dos naipes numerados e têm sua origem nos Arcanos Maiores do Tarô, O Louco, que representa o vazio (o número zero) e o eternamente passageiro (JODOROWSKY E COSTA, 2016).

O mesmo conceito-símbolo aparece em vários mitos culturais diferentes: Mercúrio na mitologia romana; Hermes, na grega; Exu na cosmovisão iorubá; Wakdjunga na cultura Winnebago; vários animais (corvo, raposa) para culturas nativas americanas e africanas; deuses rebeldes e trapaceiros – o que levou os estudiosos do folclore e religião a definirem o “Arquétipo do Trickster”.

Renato Queiroz (1991, 02) aponta três definições.

Há quem adote o termo para nomear apenas e tão somente a figura do herói civilizador que se revela, ao mesmo tempo, portador de traços egoístas, a-éticos e anti-sociais (Carroll, 1981). Outros, todavia, não exigem que o herói seja “civilizador” para merecer o rótulo de trickster; basta, para tanto, que apresente poderes excepcionais, sobrenaturais, e que os empregue em aventuras marotas (Wescott, 1962). Temos, por fim, aqueles que catalogam como trickster todo e qualquer personagem astuto e velhaco, não importando a sua origem: as páginas dos textos literários, a fabulação dos contos folclóricos e até mesmo o universo dos quadrinhos e dos desenhos animados (ABRAMS & SUTTON-SMITH, 1977).

Com base nessas três definições, estabelecemos uma tipologia de evolução do arquétipo em diferentes momentos históricos.

Tabela 1 – As três formas de Trickster

Trickster arcaico	Trickster moderno	Trickster midiático
Transgressão e Redenção	Palhaço - crítica social divertida	Violência como verdade
O herói civilizador	O humor - forma de consciência	Retorno do recalçado

Elaborada pelo autor

A definição de Trickster como herói civilizador conta com o apoio de nomes de peso, como Joseph Campbell (1990; 1995) e Lévi-Strauss (2004; 2005; 2006; 2011)⁵. Ambos acreditam que as origens do monomito heroico estão no arquétipo do trickster associado à conquista ou ao furto do fogo dos deuses pelos homens. São histórias sobre a redenção de um protagonista transgressor de tabus,

5. Após, investigar durante 20 anos diferentes culturas ameríndias, realizando uma ampla análise estrutural de 813 mitos nativos das duas Américas com algumas variantes; Lévi-Strauss publicou o maior e mais completo estudo sobre o mito do herói.

como o incesto da própria mãe, que sendo banido de sua comunidade, conquista poderes e retorna para se vingar.

Eles ainda não possuíam o fogo e por isso comiam tudo cru, peixe, caça, tudo. Procuraram o fogo e acharam o passarinho Mutug, o qual, segundo se dizia, tinha o fogo. O pássaro estava pescando. Makunaima amarrou-lhe um barbante ao rabo, sem que ele o notasse. Logo o pássaro se assustou, levantou voo e levou o barbante consigo. Este era muito comprido. Os irmãos seguiram o barbante e acharam a casa do Mutug. Da casa eles, então, levaram o fogo (KOUCH-GRUMBERG, 1953, p. 45, apud QUEIROZ, 1991,5)⁶.

Na perspectiva narrativa mitológica, o trickster é um actante (personagem-função narrativa) que quebra as regras dos deuses ou da natureza. Pode ser ingênuo, mal-intencionado ou ambos. Mas, na maioria das narrativas, suas ações negativas acabam tendo involuntariamente resultados positivos. A regra quebrada parece ser um truque ou uma trapaça para que o protagonista e o público cheguem à verdade. O trickster arcaico não é um herói no sentido ético. É um proto-herói, egoísta e bufão.

Com o tempo, eles foram ficando menos trapalhões. Gigalmesh e Hércules são heróis patriarcais (contra deusas lunares), em que a regra quebrada implica em uma jornada espiritual e redentora como castigo e cujo prêmio é a imortalidade. Esse 'heroísmo' é uma reconstrução recente da armadura narrativa do trickster arcaico.

6. *Makunaima* é herói-trickster dos Taulipang e Arekuna, tribos que se situam no monte Roraima. Mario de Andrade considera o personagem fundador da 'brasilidade'.

5. O trickster moderno

A generalização do Arquétipo do Trickster de forma mais abrangente é de responsabilidade do próprio C. G. Jung (2011, 256) que o utiliza de forma clínica como sendo o aspecto mais instintivo da personalidade, semelhante ao id freudiano e associado a um animal totem. Essa versão genérica é desenvolvida por outros autores, muitas vezes se misturando com outros mitos específicos, como a ‘criança interior’, os deuses-paradoxo (Janus, Abraxás, Oxumaré) ou os ‘gêmeos arquetípicos’ (dos Maias e dos Caldeus, entre tantos). Para esses: *“O trickster é a corporificação mítica da ambiguidade e ambivalência, da dubiedade e da duplicidade, da contradição e do paradoxo”* (HYDE, 2017, 17). E toda essa ambivalência resulta em múltiplos – como “coringa” que se traveste de rostos, faces, pessoas; mas representa o impermanente. Assim, o arquétipo do eterno passageiro reúne não apenas todos deuses que pregam peças e/ou desobedecem regras, que subvertem as normas de comportamento (Exu), deuses mensageiros (Hermes) e mentirosos (Loki); mas também dois personagens modernos: o malandro e o palhaço.

Nas narrativas modernas, o Trickster é reconfigurado como um ‘co-adjuvante de alívio cômico’ ou ao ‘falso antagonista’ (que não é mal, mas amoral). Outra característica importante é que o trickster moderno tornou-se um porta voz da verdade, fazendo críticas sociais de forma divertida, utilizando o humor como forma de consciência; e também um transgressor de pequenas regras (e não de leis divinas) justificáveis em virtude das injustiças, mentiras e desigualdades sociais.

Inúmeros personagens como ‘bobo da corte’ e as tradições cômicas e críticas que deram origem à palhaçaria. ‘Ser palhaço’ signi-

fica zombar de si mesmo, em oposição ao comediante, que zomba do outro. A palhaçaria surgiu então como uma forma de crítica ao poder, de dizer a verdade de forma indireta. A paródia satírica – a representação exagerada da representação primária, a imitação intencionalmente interpretada - não seria apenas um gênero discursivo ou modalidade narrativa, como classifica o estruturalista – mas a práxis arcaica do aprendizado: a mimese cômica crítica e parcialmente subversiva das regras e das convenções sociais.

Para Propp (1992), o riso é um desafio à ordem, à normalidade, ao instituído, mas também é conservador dos costumes e legitimador do poder, naturalizando injustiças e preconceitos, reforçando o sistema em sua estrutura apesar de criticá-lo na superfície. Essa contradição é inerente ao humor moderno. E o trickster é o actante que encarna essa contradição, do qual a maior expressão talvez seja ‘carlito’ de Chaplin.

Porém, “a alegria do palhaço é ver o circo pegar fogo” – já nos avisa o ditado popular. O desejo de destruição do trickster arcaico, domesticado narrativamente pela modernidade, se liberta e retorna com uma faceta assustadora.

6. Os palhaços do mal

‘Scary clown’ ou ‘creepy clown’ são termos aplicados aos ‘palhaços do mal’, vários personagens contemporâneos, subversões do palhaço cômico tradicional, no qual o tropo lúdico é substituído por meio do uso de elementos de terror e humor negro. E O Coringa foi um dos pioneiros, desde os anos 40, mas há muitos personagens semelhantes, dos quais o Pennywise, do romance *It* (1986) de Stephen King, é o mais conhecido. Mas, existem vários. No Brasil, Dal

Gallo (2017) problematiza a epidemia de palhaços assustadores ou o “Apocalipse dos Palhaços”.

Mark Dery (1999) teorizou o arquétipo pós-moderno do palhaço malvado. Para ele, o palhaço do mal é um ícone de nossos tempos. Usando a teoria carnavalesca de Bakhtin, escritos junguianos e históricos, Dery estuda os principais palhaços assassinos da cultura contemporânea. Em contraponto, Ben Radford, em *Bad Clowns* (2016) considera que sempre houveram palhaços ruins: Arlequin, o tolo do rei e o Sr. Punch. Para ele, os palhaços são vistos como trapaceiros, tolos e sempre estão no controle, falam o que pensam e podem escapar impunes. Radford afirma que, ao contrário de Dery, atualmente há muito mais palhaços engraçados que cruéis e que os palhaços do mal, embora sejam um fenômeno atual, são superestimados.

Nesse contexto, o Coringa dos quadrinhos é o avô dos palhaços assassinos, espelhando uma crítica desconcertante à própria palhaçaria, de que por detrás da alegria está o desejo de destruição da ordem social. E o personagem reinventado no filme *Joker* encarna a vingança daquele que, de sofrer bullying e humilhações, passou a adotar a auto depreciação como uma forma engraçada de ser aceito por seus opressores. Até o momento em que toda essa frustração explode em uma revolta violenta e sem sentido, a emergência do recalcado, em uma catarse destrutiva da pulsão de morte.

7. Conclusão

Se é verdade que os mitos e símbolos de cada cultura apenas ‘vestem’ um arquétipo universal, pode-se dizer que a representação do irracional depende do contexto da racionalidade. Assim, cada Tri-

ckster teve seu tempo e local. Ele é múltiplo e, por isso, dificilmente definido em suas características.

E o Coringa no filme *Joker* e atualiza o arquétipo do Trickster, acentuando suas características violentas e transgressoras em detrimento de outras e representando uma catarse do inconsciente dominante recalçado, visível na vida política atual em personagens de palhaços assassinos defensores de valores conservadores. Uma pulsão de morte e destruição do moderno e do civilizado, o fascismo agora vestido de palhaço.

O Coringa de *Joker* se libertou do Batman e de sua racionalidade de lei e justiça, conquistou autonomia narrativa, ganhou vida própria. Nessa versão, é o Coringa que produz o Batman e não o contrário. Ele é uma representação moderna, sombria e violenta do Arquétipo do Trickster arcaico estudado por Campbell e Strauss como herói civilizador. Sendo que, agora, seu lado destrutivo supera o criativo. *Joker* ressalta a loucura como uma libertação do que foi recalçado. Para ser colonizado, inibiu-se o lado selvagem. Para ser moderno, oculta-se no inconsciente nossas desigualdades. O anarquismo violento do palhaço criminoso, é o resultado do retorno histórico desse recalque das diferenças sociais e culturais, uma explosão do lixo emocional represado por décadas de submissão parcial e subversão cômica.

No entanto, não é correto afirmar que os palhaços assassinos sejam a única expressão do trickster pós-moderno na cultura pop, pois existem outras interpretações narrativas em curso, com uma perspectiva bem diferente. A série *Loki* (2021), da Marvel/Disney, por exemplo, além de uma história de ação é também um estudo abrangente a respeito do Trickster, retirando o arquétipo de seu

contexto mitológico e de super-heroísmo, para ‘pensá-lo’ no futuro, como ficção científica.

Mas, isso é assunto para outro texto.

Referências

BURTON, Tim. *Batman* [filme-vídeo]. Produção de Peter Guber, Jon Peters, Benjamin Melniker, Michel Uslan, direção por Tim Burton. Warner Bros./DC Comics, 1989, Cor, 126 min.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Editora Cultrix/Pensamento, 1995.

_____. *O poder do mito*. São Paulo: Editora Palas Athena, 1990.

DAL GALLO, F. A apocalipse dos palhaços e os palhaços assustadores. *Conceição/Conception*, Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 124–132, 2017. DOI: 10.20396/conce.v6i1.8648646. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8648646>. Acesso em: 19 ago. 2021.

DERY, Mark. *The Pyrotechnic Insanitarium: American Culture on the Brink*. Grove Press, 1999.

HILL, Sefton. et al. *Batman: Arkham Asylum* [DVD - video game]. Produção de Matt O’Driscoll et al. DC Comics, Rocksteady Studios, Warner Bros. Interactive Entertainment (WBIE), 2009, Cor. Plataformas PlayStation 3, Xbox 360 e Microsoft Windows.

QUEIROZ, Renato da Silva. o herói-trapaceiro. Reflexões sobre a figura do trickster. *Tempo Social; Rev. Sociol.* USP, S. Paulo, 3(1-2): 93-107, 1991.

JODOROWSKY, Alejandro; COSTA, Marianne. *O Caminho do Tarô*. Tradutor: Alexandre Barbosa de Souza. Editora Chave, 2016.

LEVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido: Mitológicas I*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____. *Do mel às cinzas: Mitológicas II*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____ *A origem dos modos à mesa: Mitológicas III*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

_____ *O Homem nu: Mitológica IV*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

HYDE, Lewis. *A astúcia cria o mundo: trapaça, mito e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARTINSON, Leslie H. et al. *Batman (Batman A Série de TV)* [filme-video]. Produção executiva de William Dozier. Los Angeles, Twentieth Century-Fox Television/ Greenway Productions, 1966-1968, Cores, 120 episódios.

MCKAY, C. *The Lego Batman Movie* (LEGO Batman: O Filme , no Brasil). Estados Unidos/ Dinamarca / Austrália 2017 • cor • 104 min. Direção: Chris McKay. Produção: Dan Lin, Roy Lee, Phil Lord, Christopher Miller. Roteiro: Seth Grahame-Smith, Chris McKenna, Erik Sommers. Elenco: Will Arnett, Zach Galifianakis, Michael Cera, Rosario Dawson, Ralph Fiennes. Edição: David Burrows, Matt Villa, John Venzon. Companhia(s) produtora(s): Warner Animation Group, RatPac Entertainment, DC Entertainment, LEGO System A/S, Vertigo Entertainment, Animal Logic, Lord Miller Productions, Lin Pictures. Distribuição: Warner Bros. Pictures.

MILLER, Frank. *Batman – O Cavaleiro das Trevas*. São Paulo: Editora Abril S.A., 1988. Encadernado.

MOORE, Alan; BOLLAND, Brian. *Batman - A piada mortal*. São Paulo: Editora Abril S.A, 1988. (Série *Graphic Novel* n° 5). Revista em quadrinhos.

MORRISON, Grant. *Batman – Asilo Arkham*. São Paulo: Editora Abril S.A, 1990. Álbum em quadrinhos.

NOLAN, Christopher. *Batman Begins* [filme-vídeo]. Produção de Emma Thomas, Larry J. Franco e Charles Roven, direção de Christopher Nolan. Los Angeles, Warner Bros./DC Comics, 2005. Cor, 140 min.

NOLAN, Christopher. *The Dark Knight (Batman - O Cavaleiro das Trevas)* [filme-vídeo]. Produção de Emma Thomas, Christopher Nolan e

Charles Roven, direção de Christopher Nolan. Los Angeles, DC Comics, 2008. Cor, 152 min.

NOLAN, Christopher. *The Dark Knight Rises (Batman - O Cavaleiro das Trevas Ressurge)* [filme-vídeo]. Produção de Emma Thomas, Christopher Nolan e Charles Roven, direção de Christopher Nolan. Los Angeles, DC Comics, 2012. Cor, 165 min.

PHILLIPS, T. *Joker* (no Brasil, Coringa) Estados Unidos 2019 • cor • 122 min. Direção: Todd Phillips; Produção: Todd Phillips, Bradley Cooper, Emma Tillinger Koskoff. Roteiro: Todd Phillips; Scott Silver. Elenco: Joaquin Phoenix, Robert De Niro, Zazie Beetz; Shade VFX, Edição: Jeff Groth. Companhia(s) produtora(s): Village Roadshow Pictures, DC Films, Sikelia Productions, Joint Effort Productions, Green Hat Films. Distribuição: Warner Bros. Pictures.

PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. Tradução Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RAMONDELLI, Y. *Joker: put on a happy face*. Documentary | 2020 (USA). Writer: Yuri Ramondelli; Stars: Neal Adams, Will Arnett, David Ayer.

TAVARES, Dickson de Oliveira. *Batman: uma luz sobre o cavaleiro das trevas - mediações, midiatizações, transmidiatizações*. 2017. 224f. Orientado pelo professor Marcelo Bolshaw Gomes. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23599/1/DICKSON_TAVARES_Dissertacao_Mestrado_2017.pdf> [Último acesso em 09/08/2020].

TURNER, Victor. Trickster tales. In: TURNER, Victor. *Myth and symbol. Encyclopaedia of the social sciences*. New York: The Macmillan Company; Free Press; London: Collier-Macmillan Publishers, 1972.

WESCOTT, Joan. *The sculpture and myths of Eshn-Elegba, the Yoruba trickster*. Africa. London, 32, 1962.